

## **A Serpente Emplumada: a busca de identidade da heroína**

Ana Maria Leal

O contemporâneo retorno aos mitos não é um simples modismo, tem o profundo significado da busca de identidade no mundo. Vistos antes como ilusão, os mitos são um tesouro cultural de grande importância para a humanidade porque são geradores cognitivos e emocionais da psique, reveladores de segredos dos nossos destinos e repositórios dos mistérios do divino, que sempre tiveram o poder de levar adiante o espírito humano, pois são dotados de uma mensagem sempre nova. Eles se expressam em todas as culturas como um mistério fascinante que envolve o sagrado, a vida eterna e a vida interior.

O mito organiza e estrutura o imaginário na literatura, trazendo sempre a mensagem que orienta, educa, disciplina, persuade, explica, desvia, cria realidades inexauríveis, transmitindo verdades universais que conservam, de cultura para cultura, um modo similar de imaginar o mundo e os homens. O mito é um sonho social que transfere o inapreensível para a dimensão metafísica, na esperança de banir o intelecto e o fantasma das explicações científicas do objeto literário. As imagens míticas têm um significado vital que revela a alma pré-consciente, os pronunciamentos involuntários e os acontecimentos inconscientes. Os mitos tematizam os grandes problemas humanos e estão relacionados às etapas da vida, como cerimônias de iniciação e rituais de passagem, nascimento, casamento, funerais, novas fases da vida: da infância à velhice, morte, quedas e ascensões, enfim, todo e qualquer processo de transformação. Eles conduzem à consciência espiritual, ensinam como o homem deve agir diante de seus problemas.

Compreendidos hoje, como histórias da nossa busca de verdade, de sentido, de significado através dos tempos, como pistas provindas de todas as culturas com temas universais atemporais para as potencialidades de espírito, sutilmente adaptados à época e aos povos, os mitos sempre foram um desafio para o intelecto e a sua interpretação uma grande diversidade de idéias. Jung destaca (1993, p. 114) que “os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências

típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os seres humanos”. Vê no mito a expressão de formas de vida, isto é, servem de modelos significativos que permitem ao homem inserir-se na realidade.

O grande mérito de Jung foi ter aprofundado o estudo do inconsciente, fundamentado por Freud, e ter restaurado o significado espiritual das imagens e símbolos, construindo, assim, novos princípios gnosiológicos sobre o homem e elucidando certos fenômenos comportamentais, culturais e artísticos em geral. Tendo percebido que a mente é um mundo inalcançável e a psique uma memória ancestral hereditária que engloba a consciência e o inconsciente em busca da unidade, sob cuja forma se apresenta o espírito, Jung destacou a importância dos arquétipos do inconsciente coletivo na dinâmica intrapsíquica das artes, servindo-se dos mitos para constituir uma chave hermenêutico-interpretativa de nível simbólico, útil para compreender imagens cósmicas representadas metaforicamente, permitindo uma visão das profundezas incompreensíveis e das fontes originárias da criação artística. De acordo com Jung o inconsciente coletivo não é um sedimento morto, mas um conjunto de todos os arquétipos que remontam as inícios obscuros do inconsciente da humanidade.

A partir de materiais básicos oriundos de culturas ancestrais, poetas e escritores elaboram os mitos, dando-lhes nova roupagem segundo culturas e épocas diferentes. O mito da serpente, tão antigo na sua trajetória existencial e, ao mesmo tempo, tão moderno no seu significado de renovação, se evidencia nos texto de Lawrence – colhido da tradição do povo asteca – mostrando que o mito encarna o ideal de todo ser humano: a conquista da individualidade.

Nossa incursão pelo mundo dos mitos na tentativa de mostrar o busca de identidade da heroína Kate, baseia-se na trajetória mítica do Herói estabelecida por Joseph Campbell, e na Psicologia analítica de Jung. Nossa intenção é mostrar que a representação do inconsciente em *A Serpente Emplumada* se expressa em imagens interiores e exteriores através das faculdades de percepção, da memória, do pensamento e da imaginação, conotando conflito cósmico entre as forças humanas e o seu destino, do qual se depreende a noção de *agôn*, de luta da protagonista entre poderes hostis externo e internos, realizando-se, de modo simbólico, tanto no enredo quanto na psique da heroína.

## **1.1 Compreendendo o processo de individuação**

O mundo psíquico organiza-se em dois campos diferentes: o consciente, que tem como centro o *ego* e o inconsciente, relativo a tudo aquilo que é desconhecido, é a mente original, a matriz primitiva, força verdadeira de toda a consciência humana. É, na verdade, a fonte da capacidade humana de ordenar idéias, raciocínio e percepção dos sentidos. Segundo Jung (1993, p. 67), na escuridão das profundezas do inconsciente coletivo estão os arquétipos, que projetados em mitos, lendas, sonhos e fantasias influem nos processos conscientes. Dentre os arquétipos estão: *a sombra, o animus, a anima e o Self*. Uma das grandes contribuições junguianas para a compreensão das variações comportamentais humanas, dos seus humores e reações instintivas, foi o *processo de individuação*, que se refere à fase vivencial em que o indivíduo experimenta uma transformação para se tornar o ser humano completo que nasceu para ser. Compreende o despertar para o Ser total, permitindo que a personalidade consciente se desenvolva até absorver todos os elementos básicos do nível pré-consciente, especificamente, seus instintos, medos, fantasias, complexos, dentre outros, caso contrário, serão projetados externamente. O *processo de individuação* assim é denominado porque se trata de uma maneira de se unificar, de se tornar indivíduo completo. Graças à individuação, não somos pessoas estereotipadas, enxergamos os próprios valores, a própria maneira de viver, que procedem naturalmente da natureza nata. Nesse processo se dá a realização do nosso desejo nato de unidade e sentido, de reunir as partes opostas de si mesmo, explorando o inconsciente de viver experiências necessárias, inclusive a religiosa.

## **1.2 O mito do herói**

Neumann (2000, p. 7-8) assinala que nesse processo de busca primeiro ocorre o psíquico, e depois o espiritual e, está dividido em diferentes etapas, cujo símbolo da primeira é a uroboro, que representa a situação psíquica original em que prevalece a fusão do *ego* e o inconsciente. O percurso em busca da Totalidade é uma aventura de transformação do *ego* que exige ruptura, recolhimento, renúncia e torna o indivíduo um herói, isto é, um ser humano competente, corajoso, persistente, humilde e útil à sociedade. Dessa forma, o arquétipo do herói incorpora as mais poderosas aspirações, revela a maneira pela qual elas são idealmente compreendidas e realizadas e representa a vontade e a capacidade de procurar e suportar repetidas transformações em busca do humano possível, tanto dentro de si quanto dentro dos outros.

Jung entende o mito do herói como um drama inconsciente que descreve claramente a busca da realização total, culminando com a *cointidentia oppositorum*,

aquilo que ele chamou de individuação. O herói representa o grau de energia psíquica que transita entre o *Self* e o *ego* e que, por sua natureza, está associado aos ritos de passagem centrais na estimulação da consciência. O modelo mítico que configura a estruturação da consciência a partir do inconsciente mostra sempre o mitologema do herói que mata o monstro. Tal morte simboliza o domínio ou repressão de impulsos instintivos primitivos e aponta para a oposição entre instinto e cultura. Jung se serviu da trajetória do herói arquetípico para explicar o processo de individuação, no decorrer desse processo, a primeira figura a ser confrontada é a *sombra* que contém os aspectos ocultos, reprimidos e desfavoráveis da personalidade. No seu entender ela não é apenas o simples universo do *ego* consciente. Assim como o *ego* contém atitudes favoráveis e destrutivas, a *sombra* possui algumas boas qualidades: instintos normais e simples criadores. O enfrentamento da *sombra* equivale à retirada da máscara e à tomada de consciência daquilo que cada um considera desagradável em si próprio.

A segunda etapa do processo diz respeito à confrontação com a *anima/animus*. A *anima* se manifesta nos sonhos, nas visões e fantasias, “é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem” (JUNG, 1993, p. 177). O primeiro receptáculo da *anima* é a mãe. O *animus* refere-se à masculinidade inconsciente no psiquismo da mulher que se manifesta como intelectualidade pouco diferenciada, opondo-se à essência da natureza feminina que visa, acima de tudo, relacionamento afetivo. (SILVEIRA, 2001, p. 86-7). O animus/anima dizem respeito à contra-parte sexual daquele que “sonha”, como figuras arquetípicas da psique, elas situam-se para além da influência das forças que dão forma à consciência individual, tais como sociedade, família, cultura; ocupam-se primordialmente, em governar as nossas relações com o mundo interior do inconsciente – migração, ideais, humores e emoções. O *Self* – responsável pela caracterização individual de cada pessoa, buscando sua melhor adaptação nas diversas fases do desenvolvimento ao longo da vida – emite energia através dos arquétipos, é capaz de transformar o *ego* ao final do *processo de individuação*. Seus símbolos podem apresentar-se sobre aspectos minerais, vegetais, animais; como super-homens e deuses.

Segundo Campbell (1993, p.28), o herói representa todo ser humano que se esforça por renovação pessoal e social através do domínio criativo e da ampliação da consciência, alguém predestinado para executar a missão de servir à coletividade e que para isso se sacrifica, abandonando velhos padrões para fundar algo novo; é considerado um inovador de tradições. Ele resume o ciclo mítico do herói no seguinte

esquema: o herói recebe uma convocação para cumprir seu destino, o “chamado da aventura”, seguindo-se o “enfrentamento dos guardiães do limiar”, das “provas difíceis”, da “batalha com o monstro”, do “casamento sagrado”, culminando com o seu “retorno triunfante”

### **1.3 O México como a grande serpente urobórica**

*A Serpente Emplumada*<sup>1</sup>, romance narrado em terceira pessoa, conta a aventura de Katherine Leslie (Kate), uma irlandesa de quarenta anos, bela e requintada, em terras mexicanas. Kate é uma requintada e bela irlandesa de 40 anos, alta, cheia de corpo, olhos cor de avelã que expressam tranqüilidade. Procurava manter-se distante das pessoas que observava com certo divertimento desinteressado, como se estivesse lendo as páginas de um romance. Tinha dois filhos do primeiro marido de quem se divorciara para casar-se com o general Leslie. Não obstante ter assumido o papel de esposa “feliz”, no seu íntimo, lutava contra sua *persona* social; desejava, acima de tudo, livrar-se da submissão imposta pelo casamento, bem como do automatismo europeu. Era habituada a conviver com diversas classes sociais, apesar de sua alma não encontrar espaço e ela se sentir inquieta e solitária.

#### **1.3.1 O convite para a aventura**

A busca da heroína Kate se realiza conforme a jornada mítica descrita por Campbell (1993, p. 66), em que ele descreve que o primeiro estágio dessa jornada refere-se ao “chamado da aventura”, que significa a convocação do destino e transferência do herói do centro da sociedade para uma região desconhecida, repleta de tesouros e perigos. A aventura de Kate obedece dois momentos: o primeiro acontece na Europa, quando, por ocasião da depressão de Kate, patrocinada pela morte do marido, James Leslie, Owen inspira-se a lhe fazer o convite para com ele seguir na viagem rumo à América. Ela segue com o primo sem nenhum entusiasmo, mas levada por grande expectativa de renovação interior, e “como a maioria das pessoas de seu tempo, estava decidida a ser feliz” (ASP, p.8).

A trajetória heróica de Kate no México se inscreve como um retorno ao mundo primitivo da Grande Mãe, que irrompe na psique no seu aspecto terrível e bondoso. A narrativa enfatiza que a cidade do México possuía “uma feiúra subjacente, uma espécie de maldade esqualida, vulgar” e Kate “temia à idéia de que algo pudesse tocá-la naquela cidade, contaminando-a com seu mal rastejante” (ASP, p.17) e “Ao

---

<sup>1</sup> Usaremos a sigla ASP para a obra *A Serpente Emplumada*.

caminhar pelas ruas, sentia um aperto no coração” (ASP, p.3), a personagem vive a sensação do abraço sufocante da serpente simbólica. Avêssa à morbidez daquele lugar que “lhe parecia ruínas” (ASP, p.21), sua única vontade era fugir sempre que podia; contudo, sabia ser necessário “conservar o sangue-frio” (ASP, p.17), pois no fundo de sua alma tinha a impressão de que “o México jazia em seu destino. Era algo tão pesado, tão opressivo, como as dobras de uma grande serpente” (ASP, p.19). A serpente urobórica como representação da Grande Mãe é uma das imagens simbólicas que irrompe do inconsciente da protagonista, refere-se ao o Grande Redondo, que abraça e envolve, e se traduz na luta do inconsciente *versus* a consciência.

O primo parte de volta para a Europa, porém, Kate, tomada pela curiosidade de saber por que aquela cidade lhe causava sensações estranhas, resolve permanecer por mais algum tempo. O primo volta para a Europa, porém Kate decidiu permanecer “apesar da íntima sensação de ameaça, não quis partir ainda. Ficaria mais algum tempo no México” (ASP, p. 60). Do ponto de vista psicológico, a *sombra* tem o poder de causar medo, de aprisionar e isolar o indivíduo dentro de si mesmo. Neste processo, o arquétipo corresponde à imagem do instinto, o que permite ação e possibilita a vivência de novas experiências.

As emoções repulsivas de Kate ao mundo primitivo do México iniciam-se logo no primeiro dia em que ela chega, por ocasião do espetáculo de uma tourada assiste a um ritual de sangue “Kate jamais se sentira tão surpreendida em toda a sua vida. Via-se olhando um touro gotejando sangue, chifres mergulhados no ventre de um velho cavalo. Desviou o rosto” (ASP, 1998, p. 13). Vale observar que em nossa cultura ocidental, a escuridão do mal está associada aos aspectos femininos obscuros, em particular à sexualidade reprimida, para onde se encaminha parte da luta da personagem. Descer ao centro da escuridão contém outro fenômeno misterioso, que é a luz “centro da escuridão”, a qual simboliza um renascimento. Jung assinala que o *Self* está oculto no inconsciente, é preciso buscá-lo. Deste modo, entendemos que os esforços de Kate para alcançar o “centro subterrâneo” revelam os segredos do *Self*, que diz respeito à sua natureza essencial. A tourada é uma representa dos sacrificados oferecidos à Deusa Mãe. Na verdade, Kate é a vítima sacrificial. Como prática ritualística, o sacrificio manifesta o instinto criativo que implica a destruição/construção da passagem anímica em seu fluir incessante.

Em termos mitológicos, esse retorno ao passado arcaico inscreve-se como um processo iniciático da trajetória de transformação, que teve seu começo com o

deslocamento espacial. Na jornada do herói, um dos grandes obstáculos é o medo de enfrentar o desconhecido; na travessia de Kate, o México se lhe configura uma grande ameaça. Nesta primeira fase da trajetória, Kate é convidada a visitar a senhora Norris, uma arqueóloga inglesa, idosa, que estuda os objetos astecas. Través dela conhece Dom Ramón e Cipriano (o general Viedna). O ambiente envolto numa aura de mistério reflete o caos psicológico de Kate.

### **1.3.2 O despertar da consciência.**

A segunda etapa da travessia mitologia, refere-se a aventura propriamente dita. Começa com o quadragésimo aniversário de Kate, que se deu uma semana depois de instalada no México: “despertou certa manhã com quarenta anos completos. Era um golpe. Quarenta anos! Atravessava-se uma fronteira. De um lado estava a juventude, a espontaneidade e a ‘felicidade’. Do outro, reserva, responsabilidade” (ASP, p. 37). Segundo Jung, em torno dos quarenta anos a pessoa vivencia o processo de individuação, ou metanóia, que se impõe como uma transformação radical da psique. E não só da psique, pois é o indivíduo todo que se transforma. Nesse processo, a energia faz o percurso inverso daquele empreendido na primeira parte da vida, no qual o *ego* tem por tarefa se separar do coletivo. Assim, a angústia da protagonista é um sintoma de que algo não está em harmonia no seu universo psíquico, e tudo aponta para um confronto com a *sombra*, abalando a *persona*. A *sombra*, diz respeito às partes negadas, obscuras do indivíduo.

O México desencadeou em Kate uma descida ao mundo anímico, o que se assemelha a uma “viagem ao inferno” em proporções psicológicas, o que agencia uma ruptura na forma de ver e conduzir a vida, o que significa um reflexo do seu interior. Começa um novo ciclo que requer um afastamento do mundo na busca do seu eu verdadeiro, da sua personalidade unificada. Consoante Jung, na segunda metade da vida do indivíduo, há um encontro com alguns arquétipos que irrompem do inconsciente projetados em imagens, o afastamento do mundo viabiliza um voltar-se para si mesma, fazendo emergir do seu íntimo uma nova direção para a vida. O *Self* emite uma espécie de convite para que se resolva uma situação difícil, através da reflexão. Kate parece pressentir o turbilhão em que estava por ingressar sua psique, de modo que assiste no México, a sua morte psicológica “Por que viera àquele alto platô de morte? O México tivera no passado um complicado ritual de morte. (...) inútil perguntar a si mesma por que viera. (ASP, 1998, p.38). No fundo, Kate sentia que seu espírito havia sido consumado na Europa: “Na Inglaterra, na Irlanda e na Europa ouvira o *consummatum est*

do seu espírito. Estava tudo terminado, mergulhado numa espécie de agonia” (ASP, p.38-9).

O segundo momento da trajetória Mítico-psicológica da heroína centra-se na decisão em permanecer naquele lugar que lhe parecia terrível, depois de depara-se com uma notícia de jornal que anunciava o retorno dos antigos deuses astecas “Os Deuses da Antigüidade voltam ao México” (ASP, p. 42). O fato lhe chama a atenção e lhe motiva a procurar o sentido do anúncio e um lenitivo para sua vida. Perguntou a si mesma o que estaria por trás daquilo tudo, ou se o episódio não passaria de ficção; releu-a novamente e sentiu que: “uma luz diferente, parecia iluminar as palavras daquele artigo do jornal. Sentiu vontade de ir a Sayula. Desejou um deus na sua vida” ((ASP, p.43).

Kate vive o seu *processo de individuação*, desencadeado por uma série de conflitos, dentre eles, está a morte do marido Joaquim. Porém, “(...) mesmo a contra gosto, seu espírito havia se libertado das cadeias” (ASP, p. 44). Segundo Jung (1986, p.286), alguns conteúdos arquetípicos são constelados quando se vivencia a metanóia. Com a irrupção da imagem arquetípica, a libido se volta para o inconsciente, é como se voltasse para a mãe, contra o que se opõe também. O espírito europeu de Kate estava farto de significados definidos, de normas estabelecidas que a aprisionavam, “Queria sair, desembaraçar-se novamente” (ASP, p. 45). Na verdade, Kate ‘sonhava’ com a descoberta de si mesma.

Um dos problemas da mulher está em integrar o arquétipo do *animus*, a contraparte sexual da identidade feminina. Caso a mulher não consiga fazê-lo adequadamente, o *animus* pode se tornar autônomo e negativo, agindo de maneira destrutiva, sobre o próprio indivíduo bem como sobre suas relações com outras pessoas. Esse processo está ligado às noções de ritos religiosos, que têm a função de integrar o indivíduo no seio da sociedade. Assim, o despertar da consciência abre os olhos de Kate entre o que ela é e o vir-a-ser. Não obstante estar mergulhada em um turbilhão de conflitos, Kate sabia que “era preciso renascer. (...) era preciso conquistar aquele suave desabrochar do ser. Talvez fosse aquilo que a trouxera ao México, longe de todo mundo” (ASP, p. 44-5).

### **1.3.3 Em busca do divino**

A busca mitológica de Kate corre paralela à psicológica empreendida pelo *ego*. A viagem metaforiza os processos psicológicos do caminho da individuação, os quais significam que seu destino está guardado no inconsciente e que é chegada a hora



de aspectos diferentes dele se manifestarem. Parte à noite num trem que parecia estar “serpenteando, lento, pela ribanceira selvagem e rochosa. Uma espécie de mundo satânico” (ASP, p. 64-5).

A última etapa da viagem da personagem é feita de barco. A narrativa destaca que “O barqueiro aleijado remava com vigor, demonstrando grande força. O barco adiantava-se lento, no silêncio da noite desaparecida, sobre as águas cheias e pardas” (ASP, p. 67). O barqueiro metáforiza o auxiliar de passagem na travessia de Kate, é uma alusão ao mito de Caronte, rei dos infernos. Ao longo da travessia de barco, Kate viu homens tomando banho, “a epiderme molhada tinha a cor do bronze rosado e o brilho dos nativo. Um deles tinha físico musculoso e macio dos índios” (ASP, p. 70). Tudo indica que eles eram manifestações do *animus* de Kate.

### **1.3.4 Sayula: o lugar da revelação**

Em Sayula encontra-se com Cipriano (general Viedna), um índio, baixo, pele morena, instruído, havia morado em Oxford, exímio conquistador de adeptos para o movimento religioso do deus Quetzalcoatl – D. Ramom encarnado – ,do qual torna-se o Primeiro Homem, isto é, aquele que responde pelo deus quando da sua ausência, além de encarnar o seu lado negativo. A notícia do jornal era, na verdade, apenas um atrativo pois tanto ele quanto Dom Ramón “desejavam que ela seguisse o plano” (ASP, p. 59) Kate cai nas armadilhas do inconsciente.

Naquele lugar “sagrado”, Kate descobre que “o fluxo de sua vida romperia-se e ela sabia não poder reatá-lo na Europa” (ASP, p.58). O processo de individuação é uma forma de viabilizá-lo, isto é de conciliar-se com uma parte de si mesma. A pressão psicológica sofrida por Kate não é mais do que um quadro do conflito subjetivo que se processa dentro de cada indivíduo. Stein (2002, p. 120) afirma que o *animus* corresponde ao instrumento pelo qual a mulher atinge as partes mais profundas de sua natureza psicológica; é o arquétipo da adaptação interior. Assim, em Kate se processa um duplo confronto; em primeiro nível temos o *ego* versus a *sombra* (evidenciado na repulsa de Kate, projetada nos nativos); e num segundo patamar o *ego* versus o *animus*.

Campbell entende que “todas as grandes revelações interiores só acontecem quando se deixa para trás os padrões do passado, pois instiga as qualidades gêmeas de fé e entrega, fundamentais para o buscador” (CAMPBELL, 2002, p. 84). Sayula “causou-lhe uma boa impressão, do fundo de si mesma clamou pelo mistério mais profundo. (...) sentiu novamente aquela plenitude feita de paz, baixar sobre ela. (ASP, p.

80). Do ponto de vista mitológico, a cidade simboliza o “ventre da baleia”, lugar em que se operam grandes transformações na personagem Kate. Aluga uma casa à beira do lago que lhe parecia perfeita “era de pedra, fresca, sombreada, com todas as peças abrindo para a varanda.” (ASP, p. 82). Instalar-se num território, construir uma morada, “implica uma decisão vital, tanto para a comunidade como para o indivíduo; trata-se de assumir o ‘mundo’ que se escolheu para habitar” (ELIADE, 1992, p. 50).

Com a casa ganha Juana, uma índia de quarenta anos, baixa, que morava nos fundos. Do ponto de vista psicológico, Juana representa a *sombra* primitiva da protagonista. Na visão da psicologia moderna, trazemos em nós o homem primitivo inferior com seus apetites e emoções, e só com grande esforço podemos nos libertar de tal peso. Mas a *sombra* não é de todo negativa; é através dela que Kate se reaproxima de D. Ramom, por ocasião de uma apresentação dos “homens de Quetzalcoatl” na praça central, momento em que “houve uma vibração e pulsar surdo do tambor, estranhamente fascinante na atmosfera noturna, depois, uma melodia selvagem, com o ritmo sincopado. Kate lembrou-se dos tambores e cantos dos peles-vermelhas” (ASP, p. 88). A exigência profana e ilusória de Kate cede lugar a uma nova vida. Para Jung, cada um de nós traz dentro de si a imagem de deus e, na escala da hierarquia psicológica o arquétipo do *Self* é a representação da *Imago-Dei* que sempre vem em nosso auxílio, quando dele necessitamos. Stein (2002, p. 14) interpretando a simbólica do *Self* estabelecida por Jung, enumera uma série de possíveis imagens, algumas delas se manifestam em sonhos e fantasias e outras aparecem em ralação e interações com o mundo, tais como o círculo, o quadrado e a estrela, que por serem ubíquas e freqüentes podem se manifestar sem atrair para si especial atenção. Essas imagens estão expressas de forma clara em situações inusitadas na trajetória de Kate através da tourada, da Estrela da manhã e da praça. A combinação do círculo e do quadrado, reflete, na nossa análise, a tentativa da psique de “enquadrar” o círculo, de forma a trazer à totalidade limitada de Kate para a sintonia com o *Self*.

Ao assistir a dança sagrada, Kate repete um ato praticado no começo dos tempos por um deus, perplexa ouve um dos homens dizer “sou Quetzalcoatl, que soprou umidade em suas bocas secas. Enchi meu peito com o sopro de além do sol. Sou o vento como víbora ao redor dos pés e das coxas [...] Sou eu a Estrela da Manhã, que no México era Quetzalcoatl. (ASP, p. 93-4). Na verdade, Kate estava sendo levada ao encontro do *Self*, o arquétipo central da psique. Nesses termos, entendemos que a busca de Kate é o deus, daí ela parecer amedrontada e ao mesmo tempo com uma sensação de

paz interior. Afinal, era partícipe de um ritual de consagração ao Seu deus e, a energia que emana do ritual mostra-lhe que toda a sua existência sempre esteve conectada a todas as pessoas – um momento de intensa comunhão, e de aprendizado: “ali e somente ali, parecia a Kate, que a vida ardia com profunda e nova chama. O resto da existência, ela o sabia, parecia desbotado e estéril. – aquilo era, sem dúvida, um novo amoldar da humanidade” (ASP, p.91). Aprendeu que a vida é um relacionamento, e aqueles a quem tanto despreza encontram-se ali, em total comunhão, forçando-a de algum modo a participar da comunhão através do rito. Segundo Emma Jung (1992, p.22), os rituais descrevem, em termos psicológicos, a amplificação e iluminação da consciência; na verdade, ocorre uma transferência da energia para novos rumos “uma espécie de desvio do percurso natural, um empreendimento perigoso e apaixonante. (...) ligado às nações e ritos religiosos com sua vivência de morte e ressurreição simbólicas”. Jung (1999, p.17) assegura que as forças instintivas muito raras aos nossos olhos, podem surgir a partir de um acontecimento imprevisto; no seu entender “estas forças assemelham-se a acontecimentos primitivos e não podem ser explicadas por razões pessoais, são de difícil controle por meios racionais”.

Consoante Campbell, as jornadas interiores do herói mitológico ou do xamã são sempre as mesmas e quando acontece um retorno, ele é vivenciado como um renascimento. Kate vive a intensidade desse renascimento através do ritual sagrado; do ponto de vista psicológico, a consciência do *ego* se expande. Kate via-se agora no centro de um grande círculo em que “ela mulher, rodando na grande roda da feminilidade; era o sexo, o mais amplo. Ela não era ela própria, desaparecera, e seus desejos haviam mergulhado no oceano do desejo” (ASP, p. 97-8). Campbell avulta que a dança é um rito importante e que está presente em quase todas as mitologias da criação. O rito desde os tempos imemoriais constitui um caminho (segundo Jung, nem sempre) seguro de acomodação para as forças que irrompem do inconsciente.

Kate é arrebatada pela dança; torna-se contemporânea do deus, volta ao Tempo Primordial onde se realizaram as obras divinas. Para Eliade (1992, p. 88) a criação do mundo através da dança é um mitologema – tão antigo quanto o de Shiva, o dançarino cósmico hindu. Este mitologema serve para ilustrar os processos psíquicos determinados por Jung, no qual a energia vital assume a forma sinuosa da serpente e dança sob a corrente contínua da vida num eterno progredir e regredir. Ao participar do ritual da dança, a personagem Kate não tem idade: vive a plenitude da sua maturidade e ao mesmo tempo sente-se uma jovem virgem. A vida, como um movimento gracioso e

ondulante parece uma dança, sem começo nem fim, o que remete à imagem da uroboro. Corresponde psicologicamente, aos altos e baixos da energia psíquica que tem seu igual nos movimentos da “dançarina cheia de vitalidade, explodindo de satisfação” (ASP, p. 98). Não obstante ser composta de dois círculos – um externo (masculino) e um interno (feminino) – ela não é uma dança masculina ou feminina, mas uma representação da *participation mystique* do homem com a natureza.

Segundo Neumann (2000, p. 19), quando a mulher ingressa na segunda parte do *processo de individuação*, quase sempre é tomada pelo poder desconhecido e avassalador, que ela experiencia como numinoso, encontrada não somente entre povos primitivos, mas em todo ser humano durante a sua experiência com o misticismo e de individuação, entendidos como parte do processo da busca de identidade. Kate é tomada por um poder avassalador que é experimentado como numinoso informe, onde o *ego* é confrontado com o arquétipo. A invasão pelo uroboro paterno é correspondente a uma experiência inebriante a ser dominada. Essa força penetrante e ao mesmo tempo “arrebatedora” Kate não experiencia pessoalmente em relação a um homem concreto, mas sim a um *nume* transpessoal, isto é, o deus em forma de serpente. Compreensivelmente é com medo que ela vivencia sua incapacidade de conter dentro de si o falo da divindade serpente – aquele que vai lhe oportunizar o casamento com o *animus*. Neumann destaca que o masculino pode aparecer sob diferentes formas “Como serpente, dragão e monstro em um grande número de ansiedades sexuais e comportamentos neuróticos da mulher que dificultam o seu relacionamento com os homens. Entretanto, na entrega feminina de aceitação dessa situação, a mulher é levada à vitória sobre o medo”(NEUMANN, 2000, p.21). Tão logo o indivíduo volta a se conectar com o mundo além da escuridão e do medo, o *animus* surge como uma imagem positiva.

Ao tomar ciência da verdadeira identidade de Ramón, compreende a atração que sentia por ele, pois, não conseguia se quer manter-se afastada de Jamiltepec – a fazenda de D. Ramon e santuário do deus Quetzalcoatl – por muito tempo: “Fiquei tão contente por voltar. (...) Minhas entranhas anseiam por Jamiltepec” (ASP, p. 186). Ramón inscreve-se como uma projeção do *animus* positivo da heroína relativo ao aspecto espiritual. O *animus* “pode surgir numa estância mais elevada como *Self*, que aparece quase sempre sob a forma de um mitologema religioso” (STEIN, 2002, p. 143). Jung destaca que o *animus* é o mediador da experiência religiosa, por meio da qual a vida atinge um novo significado.

### **1.3.5 O casamento sagrado**

Para formar o panteão dos deuses mexicanos, Cipriano propõe casamento a Kate, “Então, case-se comigo e ajude Ramón e a mim. Precisamos de uma mulher ao nosso lado” (ASP, p. 174-5). Kate se nega a aceitá-lo como marido, esboça um plano de fuga. “Precisava fugir, escapar para uma terra de brancos. Como seria bom! Cochilou. Despertou pela manhã com a sensação de forças renovadas” (ASP, p. 176). Do ponto de vista psicológico, o medo e o nervosismo são sintomas de uma relação não compatível com o *animus*. Emma Jung (1992, p. 23) destaca que: “trata-se da libido que não encontra nenhuma aplicação adequada e uma vez reprimida em si mesma, ataca algum ponto físico”. Instaura-se uma luta com o *animus*, que surge nas suas polaridades negativa e positiva projetadas em Cipriano e Ramón, respectivamente. O primeiro inscreve-se como a possibilidades da realização dos instintos sexuais (Eros), o outro, à questão espiritual (Logos) que vai conduzir o *ego* na sua longa travessia. Ao vivenciar esse arquétipo, Kate vive altos e baixos do seu universo psíquico, o que se traduz em dificuldade, pois o *ego* estará sendo bombardeado por imagens do *inconsciente coletivo*.

Certa feita, sentada ao seu lado durante um almoço sentiu-se “inquieta com sua presença física, seu corpo pequeno, mas vigoroso e positivo. (...) Grande parte da sua natureza era inerte, pesada, limitada como uma serpente” (ASP, p. 229); naquele momento reconheceu que haviam cessado as limitações; entrega-se ao desejo “– Cipriano, meu amante demoníaco!” (ASP, p. 238), o que concretiza a realização do eros reprimido que estivera toda a sua vida esquecido, na parte mais profunda da sua psique. Aceita submeter-se ao desafio de casar-se com ele, tornar-se a deusa Malintzi, a Primeira Mulher de Huitzilopochtli (o deus da guerra). Eliade (1992, p.149) afirma que o casamento desempenha um papel importante na vida do homem religioso. Por ocasião do seu acontecimento, tem lugar também uma passagem de um grupo sócio-religioso a outro.

### **1.3.6 O encontro com o deus serpente**

Campbell (1993, p.119) assinala que o herói que segue em busca do pai, abre sua alma além do terror; ele transcende a vida, com sua mancha negra peculiar e, por um momento ascende a um vislumbre da fonte. Ele contempla a face do pai, e, assim, os dois entram em sintonia. Faz parte do processo iniciático do herói, envolver-se em rituais coletivos, os quais têm função positiva/spiritual. Kate descobre que “Sozinha, nada era. (...) Como indivíduo isolado tinha pouco ou nenhum sentido. Como mulher independente era repulsiva.” (ASP, p.287). A personagem perde a sua

individualidade conhecida para assumir uma identidade arquetípica, representada pelos deuses mexicanos “Os anos pareciam afastar-se dela em grandes círculos. (...) Cipriano facilmente tornara-se o deus redivivo. E ela, a deusa-noiva, Malintzi do manto verde” (ASP, p. 290-1). Do ponto de vista psicológico Dom Ramón (Quetzalcoatl) simboliza o *Self* divino, elemento de equilíbrio entre o *animus* guerreiro encarnado por Cipriano (essencialmente humano) e a *anima* Sofia, elemento feminino evoluído, personificado por Kate. Compreendemos que este triângulo representa a serpente urobórica, uma vez que aqui se fecha num todo completo a interioridade humana do *logos*, da força física e da sabedoria, frutos da evolução do homem. Desta forma, vemos na imagem triádica dos deuses astecas Quetzalcoatl (deus da sabedoria), Huitzilopochtli (deus da guerra) e Malintzi (a deusa virgem), respectivamente Lucifer, Adão e Eva (na Mitologia hebráica), uma representação simbólica da luz do fogo e do ar. Com Dom Ramón (*animus* superior) Kate firma laços de amor celibatário, cuja verdade fundamenta-se numa vida de relação cada vez mais intensa com o contra-sexual interior. O numinoso excede de muito o conteúdo onírico, a imagem da serpente permeia toda a vida da protagonista, desde o início da sua chegada ao México ela parecia “ofuscar” Kate; ora operando como *sombra*, ora como *animus*, e finalmente *Self*.

Como estabelece Campbell (1993, p. 195), o herói precisa retornar triunfante ao lugar de onde partiu. No caso de Kate, houve uma recusa (sua trajetória mítica foi interrompida), ela preferiu permanecer no México, ao lado do deus Quetzalcoatl, seu objeto de busca. Porém, a sua individuação se deu por inteira, ela retorna às origens (ao inconsciente) após receber um “chamado” do *Self*, enfrenta todos os arquétipos, e os integra à sua personalidade, de modo que conquista através de um renascimento (interior) a sua Totalidade psíquica.

## Referencia

CAMPBELL, Joseph *O Herói de Mil Faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix. 1993.

\_\_\_\_\_. *Para viver os mitos*. Tradução de Anita Moraes. São Paulo: Cultrix, 2000.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Tradução de Manuela Torres. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

JUNG, Carl Gustav.(Org.). *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e religião*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Emma. *Animus e anima*. Tradução de Dante Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1992.

LAWRENCE, D.H. *A serpente emplumada*. Tradução de Aurea Weisenberg. São Paulo: Tecnoprint S. A., 1989.

\_\_\_\_\_. *The Plumed Serpent*. London: Vintage Books, Inc. 5 ed. 1951

NEUMANN, Erich. *O medo do feminino*. Tradução de Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 2000.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SOUSTELLE, Jaques. *Os astecas na véspera da conquista espanhola*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

STEIN, Murray. *Jung: o mapa da alma*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2000.